

TNSJ

TEATRO
NACIONAL
SÃO JOÃO
PORTO





CRIAÇÃO COLETIVA

Teatro
Carlos
Alberto **19-29**
Jan
2012

AREIA

DIREÇÃO ARTÍSTICA
ANDRÉ BRAGA
CLÁUDIA FIGUEIREDO

direção e conceção
plástica

André Braga

dramaturgia

Cláudia Figueiredo

composição musical

Tó Trips

vídeo

João Vladimiro

realização plástica

Nuno Guedes

Nuno Brandão

Sandra Neves

desenho de luz

Cristóvão Cunha

desenho de som

Harald Kuhlmann

interpretação

André Braga

Tó Trips

coprodução

Circolando, CCB,

TNSJ

agradecimentos

especiais

Madalena Victorino

Ainhoa Vidal

estreia

13Jan2012

Teatro Virgínia

(Torres Novas)

dur. aprox. 1:00

M/12 anos

qui-sáb 21:30

dom 16:00



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA



UNIAO
TEATROS EUROPA

MECENAS TNSJ



ZNZ
Aeropostos
de Portugal



circolando



CCB



dgARTES
DIREÇÃO GERAL DO
ARTE E ARQUITECTURA



//

Um dia, partiu em demanda
do seu deserto.

JORGE LUIS BORGES

//

Todos trazemos um deserto
em nós onde nos podemos
achar ou perder.

ADALBERTO DIAS DE CARVALHO

Recomeço. Não tenho outro ofício.

Na origem, uma matéria e as temáticas que lhe associamos: o tempo, o silêncio, a seca, a fragilidade, a morte, a origem, o deserto.

Areia na cabeça e o esvaziar da memória. Tudo é de novo possível.

A vontade de novas linguagens, novos caminhos.

Como se a travessia do deserto tivesse que destruir tudo, queimar tudo na sua memória, fazer dele outro homem.

A primeira imagem foi a de uma imensa ampulheta que despeja areia sobre um homem.

Depois, o desejo de um projeto a solo que desenvolvesse uma abordagem cruzada da dança e das artes plásticas. O vidro e as esculturas em areia foram as pistas a explorar.

Iniciado o trabalho, quisemo-lo abrir um pouco mais e experimentar novas formas de diálogo e criação, trazendo para o palco um músico de cordas.

Paralelamente, no silêncio do esquecimento, foram-se colecionando imagens e paisagens.

Mar de areia. Mar de tempo.

Silêncio. Suspensão. Vácuo.

A paisagem mais antiga do mundo.

Origem. Fim. Mistério. Criação.

O silêncio é extremo. *Estarei morto?*





“Regressava de um corpo onde já
nada estremecia. regressava do fundo
de uma terra vislumbrada para lá do
tempo em que pisaremos a serena
memória dos nossos mortos. terra seca,
ardente, onde no vítreo centro dos
cardos irrompe o ouro da geada.”
(AL BERTO)

Queda. Abismo. Remoinho de memórias.
Sinto uma corrente que me atrai, me
suga para o fundo.
Começo a cair.
Estou a cair.
“Estou caindo por todo o espaço
infinito, numa queda sem direção,
infinítupla e vazia. Minha alma,
uma vasta vertigem à roda de vácuo,
movimento de um oceano infinito
em torno de um buraco em nada, e
nas águas que são mais giro que águas
boiam todas as imagens do que vi e
ouvi no mundo.”
(BERNARDO SOARES)

Primeiro ruirá o tempo e depois a Terra.
Sou feito de areia.
Esmagar. Desfazer em pó. Desfazer em
nada.
Escuto o silêncio do tempo. O silêncio
do tempo em queda numa ampulheta.
Respiração. Esquecimento. Nada.

Noite. Firmamento. Estrelas.
E uma frase pequena que se repete:
Porque bates tão forte, coração?





“Queria falar contigo. Não está cá mais ninguém? Queria falar contigo. Há tantas coisas que quero dizer. Não sei o que são. Esqueci-as todas.”

(PAUL BOWLES)

Paisagens ardentes. Paisagens queimadas.
As lágrimas secaram nos olhos.

Febre.

A febre queima-o e fá-lo beber da
loucura e da morte.

“Então, durante muito tempo, deixa
de ser ele próprio. Vê outras formas,
silhuetas de crianças, homens, mulheres,
cavalos, camelos, rebanhos de cabras;
vê a forma de uma cidade, um palácio de
pedra e de argila, muralhas de lama de
onde saem bandos de guerreiros. Ouve
o ruído das vozes dos homens, os cantos
das mulheres, a música, e talvez ele
próprio dance, girando sobre si mesmo e
batendo a terra com os calcanhares.”

(J.M.G. LE CLÉZIO)

Silêncio. Água. Nada.

Coração quente. Coração do sul.

Infinitos de areia.

Saltos e vagas. Turbilhões e redemoinhos.

Vertigem. Silêncio. Nada.

“Há, nesse momento, em nós, uma
parte da imensidade que nos vem de
areias e firmamento, só porque nada
detém o nosso olhar. Tudo em redor
passa para dentro da alma e floresce
como um jardim secreto, porque o
tempo não existe.”

(ADALBERTO ALVES)

INSTITUTO DE SOCORROS A NÁUFRAGOS

JORGE MANUEL LOPES

Há quatro espécies de cogumelos de areia que se erguem em três ilhas de areia rodeadas de um mar de areia. Há ainda uma quarta ilha de areia de onde assoma uma cadeira que não é de areia (é de madeira). A cadeira é uma almofada para um homem que dorme num leito de areia, coberto por um lençol de areia. Nenhum homem é uma ilha. Ou então é. Pelo menos, parece que André Braga o é em *Areia*.

Há uma ampulheta que despeja ainda mais areia. Se a areia que se solta da ampulheta for o tempo pulverizado num ror de partículas esbranquiçadas, então é apropriado dizer que o tempo soterra, literalmente, o homem, enquanto lhe embala o sono. Este podia ser um último homem simbólico, um último homem que existe dentro de vários homens (na verdade não é, mas isso fica para depois), a enlouquecer num arquipélago onde já não há mulheres (na verdade existem, mas isso etc.).

Este homem nasce de dentro de um tempo esboroadado em milhões de grãos, mas quase tudo o que se segue ao seu acordar faz o espectador pensar se ele, de facto, não terá antes desnascido. André Braga, o homem perdido em *Areia*, contorce-se e metamorfoseia-se num caranguejo. Ou numa aranha. De qualquer das formas, ele faz de si um pereópode ou um artrópode e percorre as ilhas e o mar de areia como um monstro enlouquecido pela clausura. Se não estivesse sol e se o arquipélago não se situasse para o lado dos trópicos, quase que dava para pensar em Kafka.

Ele, o naufrago de *Areia*, não é homem não é nada. Correção: durante mais ou menos uma hora ele é tudo. Ele é borracha em contorção. Ele é uma criança e come partículas de tempo. Ele representa toda e qualquer espécie de naufrago, preso no vazio, à espera de ser salvo de uma

maneira qualquer que não se conhece – talvez por uma mão divina, ou uma mensagem numa garrafa que calhe de aportar por ali, ou uma palavra-chave que dita por outrem em voz alta, o liberte deste transe. Neste vazio, a sua única companhia é a guitarra de Tó Trips, mas em *Areia* não se chega a perceber se é a música que mexe os cordelinhos e manipula o homem até extremos dramáticos, ou se é o homem que assombra a música. Quando um deles se agita num surto de energia desesperada, o outro vai atrás.

Os cogumelos de areia cumprem o seu papel de torres de vigia mudas, totens que não querem saber do tempo, ou do homem, para nada. Ninguém gosta do tempo, mas o tempo não vai embora. Pode-se atirá-lo ao ar em fúria (André Braga fá-lo várias vezes com um estrépito que tem tanto de deslumbrante como de assustador), mas ele acabará sempre por pousar mais à frente. Durante os picos de acesso de fúria, é como se o homem naufragado abandonasse todas as hipóteses de coordenação e discernimento e entrasse por um túnel escuro de convulsões epilépticas; ou, hipótese n.º 2, é como se nesses momentos mais violentos ele estivesse possuído por todos os homens, como se não fosse de facto o último homem e se oferecesse num sacrifício simbólico.

Este mundo entra em colapso entre cordas electrificadas. O homem e o tempo acabam por desfazer os cogumelos. Estes, vai-se a ver, não eram mais do que espectadores com pés e corpo de barro. Quer dizer, de areia. Tanta imponência para um fim tão ridículo. Não há sequer um homúnculo nas redondezas, um feiticeiro de treta num recanto de Oz, escondido atrás de uma cortina, a que os falecidos cogumelos possam apontar a culpa do rápido desabamento da sua falsa importância.

E se o homem naufragado (hipótese n.º 3) fosse na verdade uma figura crística? Aquela barba, aquele físico de ossos salientes e aquela extenuação que nunca apaga o brilho do olhar dão algumas pistas. A forma como dança em redor da luz que se revela no interior da derradeira ampulheta empresta ainda mais robustez à argumentação. E já nem se fala do baile dos elementos que entram em acção: o fogo das imagens projectadas na tela amplificado pelo fogo da guitarra; as mãos e os pés banhados em vermelho-sangue e depois lavados numa espécie de baptismo. A água – é quando já não





há ilhas, nem mar, nem cogumelos, nem nada, que o homem naufragado se envolve numa dança que transforma energia em impotência; e é neste momento, em que o cenário se dissolveu em partículas de tempo atiradas em todas as direcções, que há água.

Na verdade, toda a gente sabe que isto é lugar nenhum, e neste lugar, a estas horas adiantadas, a areia já vai até onde o corpo deixa. E o corpo, na longa caminhada até à exaustão, ainda deixa muita coisa. Se calhar, a solução final para este enigma arenoso é a ideal: o sol já se levantou, a noite correu muito mal (é o que dão a entender os pedaços desconexos do filme que sobraram na memória), afinal há mais gente por aqui, a ressaca contra o mundo é descomunal mas a sensação conjunta de cansaço e alívio é ainda maior, a guitarra surfa numa vaga vagamente irónica e perplexa, e as pequenas irritações quotidianas parecem agora percalços maravilhosamente banais. O mundo seria um lugar bem melhor se nos deixassem ser apenas *beach boys (and girls)*.

O que o corpo que passou a última hora à nossa frente faz consome-lhe todas as energias e deixa-nos assombrados e moídos. *Areia*, mais um

trabalho colectivo da *Circolando* com direcção artística de André Braga e Cláudia Figueiredo, é uma obra exigente, coisa para adultos. Está fundeada entre várias zonas artísticas e, ao desinteressar-se da palavra, fala facilmente com muita gente de muitas línguas, olhos nos olhos. É uma obra abstracta que se presta a plantar muitos pontos de interrogação. Uma obra com muitos caminhos por mapear e muita perturbação dentro.

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.

CIRCOLANDO

Sob direção artística de André Braga e Cláudia Figueiredo, a Circolando desenvolve a sua atividade desde 1999. No núcleo do projeto, os conceitos de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Um diálogo intenso entre a dança e o teatro, com forte apelo aos contributos de outros campos da criação: poesia, artes plásticas, música, vídeo, circo. Diálogo a várias vozes em busca de uma proposta singular para um teatro dançado e um teatro de imagens, um teatro próximo da poesia que conta histórias, até hoje, sem palavras. Um teatro que se presta à itinerância e ao nomadismo, à forte difusão internacional. A Circolando já foi acolhida em Espanha, França, Bélgica, Itália, Holanda, Reino Unido, Alemanha, Áustria, Polónia, Eslovénia, Finlândia, Marrocos, Brasil, Coreia do Sul e China.

FICHA TÉCNICA CIRCOLANDO

produção

Ana Carvalho (*direção*)

Cláudia Santos

coordenação técnica

e operação de luz

Francisco Tavares Teles

operação de som

Harald Kuhlmann, André Pires

palco e montagem

Nuno Brandão

direção de cena

Cláudia Santos

FICHA TÉCNICA TNSJ

coordenação de produção

Maria João Teixeira

assistência de produção

Eunice Basto

direção de palco (adjunto)

Emanuel Pina

direção de cena

Ricardo Silva

maquinaria de cena

António Quaresma,

Carlos Barbosa, Joel Santos,

Jorge Silva, Lídio Pontes

luz

Abílio Vinhas, Nuno Gonçalves

som

Nuno Correia

eletricistas de cena

Júlio Cunha, Paulo Rodrigues

APOIOS CIRCOLANDO



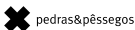
A Circolando é uma estrutura subsidiada pela Direcção-Geral das Artes.



APOIOS TNSJ



ARCO
TEXTÉIS



APOIOS À DIVULGAÇÃO



ANTENA 1

ANTENA 2



AGRADECIMENTOS TNSJ

Casa da Música

Mr. Piano - Pianos Rui Macedo

Polícia de Segurança Pública

Circolando

Rua de Santa Catarina,

n.º 1207, 4.º esq. frt.

4000-457 Porto

T 22 518 91 57

TM 93 627 26 36

geral@circolando.com

www.circolando.com

Teatro Nacional São João

Praça da Batalha

4000-102 Porto

T 22 340 19 00

Teatro Carlos Alberto

Rua das Oliveiras, 43

4050-449 Porto

T 22 340 19 00

Mosteiro de São Bento da Vitória

Rua de São Bento da Vitória

4050-543 Porto

T 22 340 19 00

www.tnsj.pt

geral@tnsj.pt

EDIÇÃO

Departamento de Edições

do TNSJ

coordenação

Pedro Sobrado

capa e modelo gráfico

Joana Monteiro

paginação

João Guedes

fotografia

João Vladimiro

impressão

Empresa Diário do Porto, Lda.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis ou relógios com sinal sonoro é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.



